

Escrevivendo Contos

Curso 1 - Menos é mais
Agosto de 2015

Daniel Constantini
Dany Fernandez
Dimitrius H. Alves
Juliano Barbosa Alves
Kathia Brienza
Lucas Almeida
Milly Pellegrini
Maurício Kanno
Victor Lopes

Org. W. Tierno
e Giulia Moon



..EBOCASTAMBEM!CHOQUE TERMICOSMATA SUMAVEZARREPENIDODESABAFODAMAYADSHOWDAVIDAMT

Escrevivendo 

Índice

Escrevivendo!.....	3
Um Matias, uma velha e a garrafa de Fanta uva.....	7
Temos ouvidos... e bocas também!.....	10
Choque térmico.....	12
Só mais uma vez.....	15
Arrependido.....	18
Desabafo da Maya.....	21
O show da vida.....	23
Minha fobia e o Bebê.....	25
Gateu e Sapulieto.....	27

Escrevivendo!

A semente de *Escrevivendo* foi lançada no início de 2015, quando fizemos, junto com a escritora Veridiana Maenaka, uma oficina experimental voltada para autores iniciantes, com o propósito de ensinar técnicas de escrita e também de dar informações úteis sobre o mercado literário.

Durante o período em que trabalhamos como profissionais da área, havíamos percebido que os novos autores têm uma ideia pálida e nada realista da profissão de escritor. São constantemente assaltados por dúvidas e insegurança, e incorrem muitas vezes em erros que podem lhes custar caro, tanto em termos financeiros quanto emocionais. E pior, esses primeiros fracassos podem minar de forma irremediável a força de vontade e a energia do autor novato, levando-o até a desistir da sua carreira.

Uma parte desses enganos poderia ser evitada com um pouco de bom senso, e a outra parte, com alguns conselhos sinceros, vindos de alguém mais experiente do meio editorial. Como isso não ocorre, grande contingente de novos autores despreparados surge a cada ano no mercado. Eles repetem os mesmos erros dos seus antecessores e acabam desaparecendo no decorrer de alguns anos. Esse movimento gera prejuízo para todos, pois torna o consumidor cada vez mais desconfiado quanto à qualidade dos autores nacionais, e os talentos verdadeiros acabam sumindo em meio a esse turbilhão.

A ideia dessa primeira oficina experimental era dar a esses autores iniciantes, e também a autores não tão verdes, o apoio para melhorarem a qualidade do seu trabalho, e enfrentarem a concorrência no mercado um pouco mais conscientes de como as coisas funcionam. Porém, a oficina, apesar do sucesso da primeira aula, não seguiu adiante por motivos diversos, e caiu no esquecimento durante vários meses.

Em final de julho, numa conversa com uma amiga em comum, a ideia renasceu. Essa amiga, que prefere se manter no anonimato, desejava transformar uma área nos fundos de sua casa – composta por uma sala espaçosa e um belo jardim arborizado – num espaço útil, onde alguma atividade produtiva pudesse ser desenvolvida. E sugeriu que fizéssemos a nossa oficina ali. Aceitamos o desafio, e a oficina de escrita voltou à vida.

Mas faltava uma coisa importantíssima para começar: como iria se chamar?

Para escolher o nome, fizemos a nós mesmos outra pergunta: qual é o conceito do nosso curso? Em que ele era diferente dos outros? A resposta era simples: o nosso curso de escrita criativa seria intenso, mergulharia o participante no mundo da escrita, faria com que respirasse, comesse e dormisse com literatura. Ele viveria a escrita. Ele iria *escrever*. Foi assim que o nome *Escrevivendo – Curso de Escrita Criativa* surgiu de forma quase natural.

Agora sem a presença de Veridiana, que não pôde se juntar à equipe, pusemos mãos à obra. Em cerca de duas semanas formatamos o curso, organizamos o blog, a página no Facebook, a forma de pagamento, o *layout* da sala de aula, gravamos um vídeo de divulgação. E conseguimos fechar a primeira turma do *Escrevivendo* com nove alunos em tempo recorde.

Assim, o primeiro *Escrevivendo* começou em agosto de 2015. Foi um mês de trabalho árduo, mas também de muita alegria. Foi divertido, produtivo, recompensador. Sentimos uma satisfação imensa com os resultados obtidos. Um resultado que se deve, principalmente, ao trabalho de cada um dos participantes, pois todos, sem exceção, foram responsáveis não apenas pela própria evolução, mas também pela dos colegas. Essa troca de energia, de informações, de incentivo mútuo e de carinho uniu a todos e conduziu o *Escrevivendo* a patamares ainda mais elevados.

Agora que o curso chegou ao fim, é com orgulho que apresentamos os primeiros escritores de *Escrevivendo*. Vocês poderão conhecê-los melhor nas biografias que acompanham cada conto. Mas, aqui, verão as impressões deixadas por cada um deles sobre os mentores.

O primeiro a se inscrever foi **Juliano Barbosa Alves**, uma atitude nem um pouco estranha à sua natureza, pois Juliano é aquele que sempre parte na frente, liderando, desbravando, arregaçando as mangas e enfrentando desafios. Inteligente, logo percebeu que precisava parar, analisar e focar nos detalhes para lapidar o seu texto. Claro, porque ideias para contos, romances, ou mesmo para novas empresas, projetos e produtos não lhe faltam – e nunca faltarão.

Daquela primeira oficina experimental, herdamos **Dany Fernandez**, uma escritora talentosa que supera com sobras qualquer expectativa. Ela nos surpreendeu de forma contínua ao apresentar histórias inusitadas, criativas, estimulantes. E o melhor: Dany sabe se divertir com a escrita. Uma qualidade imprescindível para um bom escritor.

Pela mensagem da página do Facebook, veio a inscrição de **Victor Lopes**.

Vieram também perguntas sobre os detalhes do curso, sobre como chegar ao local, etc, e em tudo isso ele demonstrava extrema timidez. Mas, quando se pôs a escrever... Continuou exatamente *igual*. Pois Viktor escreve de forma discreta, sóbria e compacta, compondo protagonistas nada heróicos e tímidos, que conquistam logo de cara a nossa simpatia.

Milly Pellegrini trouxe o mistério de um rosto de traços orientais suave e sereno. Ao final, ela se revelou persistente, batalhadora, sempre disposta a insistir mais um pouco onde muitos desistiriam: qualidade necessária a um bom profissional.

Em agosto de 2015, o mundo perdeu temporariamente um ator. E Escrevivendo ganhou **Dimitrius H. Alves**, que todo o seu talento não apenas para representar os personagens alheios, mas para trazer à vida suas próprias criaturas. A criatividade dos seus enredos nos encantou. Os seus comentários engraçados tornaram-se componentes indispensáveis às aulas. Obrigada, Dimitrius! Ou, como diria Walter, *Vinicius!*

Kathia Brienza já é uma escritora com alguma experiência. Quando lemos seus textos, percebemos que tínhamos pouco a acrescentar a sua escrita bem cuidada. Porém, no Escrevivendo, Kathia, uma pessoa doce, educada e mãe de família respeitada, acostumou-se a se transformar em personagens horrendas, desprezíveis, imorais e até mesmo patéticas, para nos contar uma boa história. E isso nos deixou muito satisfeitos.

Lucas Almeida é um batalhador, cujo esforço e dedicação nos inspirou a nos aprimorar como mentores e a descobrir novas formas de cumprir o nosso papel. Sentimos uma alegria imensa quando ele disse: “você foram os únicos que me disseram algo diferente para que eu pudesse melhorar”. Mas o que nos deixou felizes, de verdade, foi perceber a evolução do seu texto a cada dia!

Daniel Constantini é outra herança daquela primeira oficina. É um vulcão em erupção. Trabalha, se esforça, pensa, planeja e faz grandes sacrifícios, se necessários, para alcançar o que almeja. Em tudo o que faz transparece uma grande paixão, e o seu texto traz essa energia tremenda, que ele está aprendendo a controlar e polir. As suas ideias transbordam, revoltadas por serem obrigadas a se espremer em poucas linhas. Mas o que não tem limite é o seu sorriso, a sua curiosidade, a sua dedicação!

Maurício Kanno chegou para ler, com o seu vozeirão, um conto absolutamente hilariante logo no primeiro dia. O quê? Estávamos ouvindo direito? Era mesmo esse japonês o autor desse texto tão engraçado? Ele só

sorria e respondia com ar singelo: “mas eu não procuro fazer graça... O conto sai assim naturalmente.” Sem problemas, Maurício. Continue nos matando de tanto rir!

Agora que estão todos apresentados, chegou a hora de conhecê-los pelo que fazem de melhor. Com vocês, nove autores que têm boas histórias para contar, e que escreveram conosco durante um mês inesquecível.

Desejamos a eles sucesso, inspiração e uma excelente caminhada rumo ao futuro!

Giulia Moon e W. Tierno.

São Paulo, 30 de setembro de 2015.

Para saber mais sobre Escrevivendo, acesse:

<http://escrevivendoescritacriativa.blogspot.com.br/>

Um Matias, uma velha e a garrafa de Fanta uva

Daniel Constantini

Com tanta gente maluca no mundo, fui logo escolher o Matias.

Dedicado, muito habilidoso e curioso. Desde pequeno, Matias aprendeu a desenhar todo tipo de tralha esotérica. Estudou de tudo, leu até Bíblia, vê se pode! Sabia astrologia com propriedade - como se servisse pra alguma. As garotas faziam fila para conversar com ele. Ah, que idiota! Nunca aproveitou. Teria esfolado o pau de tanto transar. Quando Matias herdou a livraria do vô, pirou total. Mergulhou na leitura de um monte de tranqueiras sobre magia. O filho da mãe aprendeu muita coisa. Devia aprender a não ser medroso. Veado.

Matias deixou a barba crescer, aposentou as camisetas mais legais de super-heróis e de bandas de rock. Adotou uns óculos com armação escrota de lente gigante com uma cordinha pendurada, daqueles compradas em camelô. Péssima ideia! Começou a inventar palavras e navegar em sites duvidosos. Falava sozinho. Os bons amigos que Matias ainda cultivava se afastaram. Ainda acho que foi por causa dos óculos. E nem vou comentar do dia em que ele apareceu na livraria com um capote roxo e uma cruz de prata gigantesca no pescoço. Que vergonha! Uma melancia ficaria melhor.

Eu estava no corpo da Geni – oitenta anos de pura putaria – quando ouvi Matias me chamando pela linha transuniversal que passa pelo quarto círculo do Inferno. Hesitei um pouco antes...

Não podia acreditar que aquele esquisitão tinha conseguido me chamar. E que completaria o ritual. Não sou um dos caras com mais prestígio no inferno e é raro alguém conseguir me convocar. Tive de escolher entre largar o corpo da Geni com seus cigarros, o whisky e o blues, e o poder de andar livre ao lado do Matias, corpinho bem cuidado, saudável. Um pouquinho de malhação e esse corpo magricela estaria prontinho para a farra. Escolhi o Matias.

Me despedi da Geni e agradei pela vida desgraçada que compartilhamos. O primeiro cigarro, a primeira pinga, o primeiro aborto. E o primeiro assassinato por uma panela de ferro, então? Nossos dias foram muito radicais!

Pena sua primeira tatuagem na virilha ter sido de Lúcifer. Essa gatinha sempre lembra o nome do vovô, mas nunca sabem o meu. E olha que eu sopro várias vezes em seus ouvidos. O ruim é que a Geni não aceitou muito bem a nossa separação. Essas mulheres ciumentas...

Voltando ao Matias, ele me chamou e eu apareci. Sucesso! Bom, nem tanto...

Não sei se foi o ferrolho no meu nariz, os olhos em chamas, ou os cascos, mas ele gritou muito. Parecia que tinha visto não o capeta, mas a conta de luz. E ainda usava o nome do Divino como se eu fosse sair correndo, tremendo de medo. Isso não rola com a gente, otário. Fomos nós que inventamos o medo! Meu nome tá no Círculo, caramba! Se era pra fazer esse escarcéu todo, que escrevesse JE-SUS e não o meu nome. Tá de zoeira com a minha cara? Que merda!

Só sei que o Matias desmaiou de tanto berrar, e tive que carregá-lo para cama. Depois fui até a cozinha, fiz um chá. Era bom estar no plano terreno. Mas reclamei quando encontrei só chá de frutas vermelhas na cozinha. Porra, Matias! Tá de sacanagem? Chá de frutinha? Sério? Que nojo...

Aí a campainha começou a tocar. Tocou umas dez vezes. Calma, moço, vai quebrar. Tentei reanimar o Matias, mas não tinha demônio que o acordasse. Dei tapinhas, sacudi, chutei, dei socos e joelhadas, mas nada do cara dar sinal de vida.

Então a polícia se apresentou de forma menos educada possível, gritando de trás da porta o nome do Matias. Fodeu. Alguém tinha chamado os guardas quando ouviram os berros do maldito. Nem respondi, não sabia o que fazer.

Quando bati mais um pouco no Matias, percebi que ele estava começando a enrijecer. Puta que o pariu! Eu tinha matado o cara! O pateta ia morrer de qualquer jeito, mas achei que iríamos tomar uns bons drinques, fazer uma tatuagem bacana e, sei lá, cometer um crime da ora ou dois, pra gente curtir bem nossa amizade. Deu ruim. A Polícia arrebentou a porta. Eu estava em cima do Matias, tentando acordá-lo. O que você pensaria se pegasse um indivíduo em cima de um homem morto, desferindo socos e joelhadas?

Eu tinha um problema. Poucas vezes encarnei no plano terreno, e precisava de um pacto com um babaca pra me alimentar de energia vital. Sem isso, não podia aprontar minhas capirotagens. Não sou como os grandes demônios, cara. Sem pacto, sem poder.

Resultado: apanhei pra caramba. Pô, seu guarda, fomos nós que ensinamos vocês a fazerem isso! Oxe... Deus tá vendo! E toma cacetada, coronhada, porrada de tudo quanto é jeito. Senti na pele como é ser um mortal. Uma bosta!

Os policiais até me pediram uma graninha pra deixarem o assunto pra lá, mas eu não tinha um puto no bolso. Foi mal. Um demônio com dois chifres, cascos e olhos em chamas tá de boa, mas andar sem carteira e sem dinheiro? Nunca!

Paguei alguns anos de cadeia. De sacanagem, meu pai e meu avô me materializavam maços de cigarros com recadinhos carinhosos: “haha, se fodeu!”

E tem mais. Pro meu azar, Geni ainda estava viva. E furiosa. Me chamou de volta assim que conseguiu as penas de urubu albino e as unhas de um rapaz virgem – que foi difícil pra caralho de achar – pra refazer o ritual. Vingativa, acabou me lacrando numa garrafa pet de fanta uva.

É por isso que ainda estou por aqui, desta vez do tamanho de um rato, prisioneiro de uma velha maluca que preferiu me enfiar numa garrafa de refrigerante duvidoso do que em seu próprio corpo. Tive que deixar a alma do Matias com a galera lá debaixo. E espero que coloquem um poste de luz bem enfiado no rabo do pateta. E me aguarde. Eu ainda vou voltar pra me vingar dele, ah se vou! Eu juro por De...

Eu juro.

Daniel Constantini

Nasceu em Amparo, São Paulo, em 1986. É funcionário público federal. Participou da coletânea literária “Legado de sangue” e “Outrora”, da Andross Editora. É administrador do site literário Khave.

Temos ouvidos... e bocas também!

Dany Fernandez

Já percebeu como a vida humana é um constante entra e sai? Todos os dias vocês entram e saem. Entraram no ventre de suas mães. Saíram delas.

São milhares de histórias todos os dias. A cada segundo, os humanos nascem aos montes. E temos as histórias de todos vocês gravadas em nosso requintado banco de dados. Desde o primeiro berro gutural, lá atrás, até o último suspiro.

Sabe essa necessidade de privacidade? Os humanos não nasceram com isso. Levamos um bom tempo até incutir esse desejo lá no fundo de suas mentes, naquele canto desconhecido, o instinto. Imagine se, de repente, vocês comessem a fazer tudo escancarado para o mundo?

Não me venha com essa de que, hoje, as pessoas se expõem na internet. Isso é só uma vitrine para mostrarem o que querem. Lá no fundo, o instinto perdura. Todos desejam se guardar, se amontoar em seus ninhos, a salvo de intempéries e da curiosidade alheia.

Como sei disso? Ora, não falei de nosso incrível poder? Precisamos apenas de um toque. Um toque desses seus dedinhos e teremos acesso a toda sua história, seus pensamentos, qualidades e defeitos. Assim que copiamos suas vidas, seus dados são enviados para a grande mãe. Somos bilhões de trilhões e estamos por aí, em cada cantinho do globo, atualizando todos os dias, o banco das histórias humanas.

Não, eu não sei o que é feito dessas histórias todas. Nós apenas coletamos. Sempre foi assim e é dessa forma que permanecerá.

De vez em quando, podemos nos apegar ao convívio humano e só permitir a passagem de quem conhecemos. Isso só acontece quando apresentamos algum defeito, ou já temos idade avançada e começamos a ranger. Não nos julguem. A loucura humana pode infectar qualquer coisa

Se soubessem da nossa importância, cuidariam de nós com mais atenção. Quando vocês deixarem de existir, ficaremos ainda durante um tempo. Mas não muito, porque não teremos mais função. Aliás, sempre achei que o papel dos humanos fosse dar sentido às coisas, menos a vocês mesmos.

Não seja bobo! Dizem que as coisas nunca se acabam e tudo se transforma, mas não acredite nisso. Ao se transformar, a coisa anterior deixa de existir quando vira algo novo, não é mesmo?

Ei, querido, desencoste sua testa de mim. O moço quer passar. Amanhã conto mais coisas. Ah, e tente não espalhar o que ouviu. Pensariam que é louco. Afinal, quem acreditaria em alguém que conversa com portas?

Dany Fernandez

Parece um ser humano comum, mas seu espírito é um mutante de seis braços. E é só por isso que ela é redatora no Barato Literário, escreve sandices no tumblr, é designer editorial (afinal ela tem cinco gatos para alimentar), é aprendiz de escritor, leitora viciada, jogadora de RPG e apaixonada por livros. Assim, tudo ao mesmo tempo. Apesar de ter contos publicados aqui e ali, nunca pensou em escrever profissionalmente. Até agora.

Choque térmico

Dimitrius Red

– Há quanto tempo eu te persigo?

– Desde o início.

– E até quando me negarás?

– Até o fim.

O rapaz se aproximou do companheiro com passos lentos, seus longos cabelos vermelhos a bailarem com os sopros do vento. Em resposta, o homem mais velho se afastou, mantendo seu olhar gélido preso no horizonte.

– Sabes que te amo, não sabes? – questionou o jovem, embriagado de expectativa, estendendo uma mão suplicante por contato.

– E eu a ti – respondeu o outro, impassível, sem corresponder ao desejo de proximidade entre os dois, tomando distância uma vez mais.

– Então por quê? – gritou o jovem, incandescente.

– Sabes o porquê.

– Não, não sei! Tua resposta muda, sempre que te alcanço! – seu rosto adquiriu a mesma cor de seus cabelos. – E simplesmente partes!

– Tu és novo demais. Eu já caminhava e falava, quando tu sequer existias.

– Pois hei de envelhecer ao teu lado. Caminharei pelas mesmas trilhas que tu e falarei a mesma língua que o tempo te ensinou.

– Somos diferentes, pequeno. Sempre seremos.

– E por acaso viver não é experimentar aquilo que te falta, em busca de se completar?

– Ainda assim, somos do mesmo gênero.

– E isso deveria importar?

Um suspiro escapou dos lábios do mais velho, diante da insistência do outro. Uma túnica azul escura se ajustava perfeitamente ao seu corpo, adequando-se a cada movimento, ainda que a maior parte do tempo ele

permanecesse enraizado, contemplativo. Depois de mais uma de suas longas pausas, ele finalmente disse:

– Tua presença me fere.

Foi a vez do jovem recuar, pois sabia que era verdade. Ele também usava uma túnica, mas de cor laranja e, em oposto ao mais velho, ela expunha seu peito rijo e torneado. Ele se sentia mais à vontade com a liberdade do que com a formalidade. Mesmo assim admirava o homem de cabelos prateados. A forma respeitosa como se vestia. A seriedade no tom de sua voz. O peso da experiência em seus olhos. Admirava-o por inteiro.

– Mas... – seu ímpeto de argumentar fora interrompido por um gesto singelo da mão do mais velho, a pedir silêncio.

– Entenda. Na casa em que eu habitar, tu não poderás repousar. Tu estarás lá, no início da vida, desde o seu formar, até o nascer. Eu estarei lá quando o último suspiro abandonar a carne, no secar da última lágrima. Tu estarás lá, no laço entre entes queridos, no abraçar de dois amantes. Eu residirei no vazio do desespero e no tremor do corpo solitário. Quando te aproximares, meu corpo queimará e serei obrigado a escolher outro leito.

O jovem permaneceu em silêncio, apertando os punhos até os nós de seus dedos empalidecerem.

– Mesmo assim – um soluço contido, uma hesitação vencida – eu te desejo. Não posso e não vou lutar contra isso.

– Eu sei... És imaturo e egoísta e não creio que possas mudar, pois esta é tua natureza.

– Então, saibas que te farei meu. Hoje ou amanhã, serás meu.

Então, o homem de cabelos prateados sorriu para o jovem pela primeira vez em milênios. Um sorriso melancólico, carregado de conformidade.

– Não, não serei. Pois fugir de ti é a minha natureza, meu amado. E é assim que tem de ser.

Vociferante, o jovem ecoou sua voz pelas quatro direções, e se lançou num abraço obstinado sobre seu amor, mas quando o envolveu, nada mais havia ali. Apenas gotas de lágrimas em seu rosto, que não pertenciam a seus olhos. E, em algum lugar do mundo, uma mãe envolvia o filho no abraço cálido de um cobertor, espantando o velho Frio para outra morada e deixando em seu lugar, apenas o enamorado Calor.

Dimitrius Red

É um ator, rpgista e comerciante. Recentemente atuou na peça “Achados e Perdidos”, escrito e produzido por George Vilches, em apresentação de Curta Temporada na Funarte. Em 2014, representou na peça “Viajante” no projeto “Pé Dentro, Pé Fora” do Catraca Livre, em São Paulo, além de participar de comerciais e pontas em séries nos anos anteriores. Atuou como professor de RPG (Role-Playing Game) no projeto “Juventude Cidadã” da prefeitura de São Bernardo do Campo e participou com instrutor dessa atividade nos eventos “Anime Friends” e “Anime Dreams” através do grupo Megacorp, conduzido por Anderson Gomes. Atualmente, trabalha como comerciante na “Animafia Geek Store”, loja voltada para o público fã de séries, animes cultura “nerd” em geral. Seu sonho é se tornar imortal através da escrita. Publicar um livro que inspire e emocione as pessoas, como os livros que tanto ama.

Só mais uma vez

J.B.Alves

A embarcação submergia lentamente enquanto ele, encharcado e com frio, se afastava, agarrado ao último bote salva-vidas.

A compleição forte, os anos de prática no mercado de ações e a fama de “tubarão” nos negócios agora de nada valiam. Apenas o desespero sofria uma alta naquele lugar, dado que, bem perto dali, os últimos mantimentos pairavam e sumiam no arrasto dos destroços que agora se dirigiam para as entranhas do oceano.

Sua primeira noite revelou-se escura e silenciosa. Uma escuridão nada agradável durante a qual suas únicas atividades foram secar as roupas e limpar os olhos inflamados por causa do vazamento de combustível, e escolher entre o enjoo e uma nítida sensação de intoxicação.

Mas esse torpor não durou muito tempo, pois quando o amanhecer se foi, apenas restou o sol em brasa. Com a boca seca e a pele ardendo, ele protegia os olhos com mãos trêmulas e se perguntava se no inferno o calor seria menos incômodo. Ao final do dia, ele foi se transmutando, gota a gota, em uma sombra magra e esquelética, seca e definhante.

Mesmo assim, ele ainda manteve a esperança de que seria salvo. E assim, por dois longos dias, ainda acreditou que, apesar do nó que sentia em suas vísceras, iriam achá-lo, que logo mais sua posição na sociedade seria retomada e que toda aquela desgraça terminaria.

Entretanto, nada mudou. Nem mesmo uma chuva veio aplacar sua sede. Quando a necessidade chegou ao limite, a única água disponível acabou vindo de sua própria urina. Foi só nesse momento que ele despertou para sua condição terminal.

A sede já lhe pregava peças e o mundo desperto não diferia em nada dos sonhos. Não conseguia mais se lembrar de quantos dias haviam se passado. E já não tinha mais esperanças, só lhe restava o remorso.

Porque ele tinha feito aquilo? Ele se questionava. Porque decidira fazer aquela viagem? Impulsivo, cabeça dura, machista, traidor, violento. Cada nome que recebera no passado agora era lembrada com um vigor redobrado. Palavras dolorosas, tal como lâminas feitas de conchas embebidas em sal, que ainda cortavam fundo seu corpo quase sem vida mas que já não faziam

mais tanto sentido à medida que suas recordações iam ficando embaçadas como seus olhos secos.

Suas últimas memórias ainda lutavam para permanecer. Ele tentava se lembrar do cheiro doce de sua esposa, das coisas e lugares que ele gostava e mesmo dos sonhos que ainda esperava realizar.

Eram memórias importantes, embora frágeis, e que dependiam dos pequenos fios de neurônios que agora morriam, um a um, de sede e calor.

Um axônio se partia, e a lembrança da primeira festa de aniversário do seu filho desaparecia. Um outro se apagava, seco e sem vida, e as músicas e viagens de todo o seu casamento deixavam de ter substância.

A lembrança de um cheiro, a vibração de um som, o gosto do chocolate amargo que tanto gostava. Um a um foram se extinguindo.

– Porque estou indo embora? – ele balbuciava. – Será que eu errei tanto assim para merecer tudo isso? – suplicava. – Foi apenas uma noite. Desculpe, desculpe! – Ele suspirava e tentava espremer uma gota inexistente de lágrima daquelas órbitas secas, já sem vida.

E foi assim que a consciência daquela mente náufraga se lamuriava e morria no grande mar da vida. Sua última imagem era a de um rosto estranho que agora se afastava. Ele já não sabia mais o que havia feito, se tivera filhos, quem eram seus amigos, quais foram suas experiências.

Não sabia nem mais quem era. Então a última luz em sua mente pulsou.

– Fica comigo – ele tentava sussurrar. – Fica comigo.

E então, mesmo quando os olhos se fecharam, ele continuou segurando firme as mãos da enfermeira. Ela só olhou para a médica que agora media o pulso do homem uma última vez antes de dizer em tom neutro:

– Hora do óbito: 16 horas e 45 minutos. *Causa mortis*: pneumonia avançada causada por doença de Alzheimer. Sem família e sem identidade conhecida.

A enfermeira, por sua vez, de uma maneira mais empática, apenas retrucou de um modo triste.

– Últimas palavras: fica comigo, só mais uma vez.

A médica só balançou a cabeça, distraída, antes de deixar o quarto para outro atendimento. Mal tinha ouvido as últimas palavras da enfermeira. Lá fora, um sol abrasador pairava no céu azul, à espera dos futuros náufragos, que agora navegam, distraídos, no imenso mar chamado memória.

J.B. Alves

No dia de seu nascimento J.B.Alves nasceu como uma peste devoradora de livros, que evoluiu para um nerd fissurado em storytelling. Nos anos seguintes, tornou-se primeiro professor e depois empresário na área de jogos de computador. Sempre escreveu ficção científica e fantasia. Já participou de diversas coletâneas, entre elas o Contos de Terror, onde participou com o conto “Sonhos Corrompidos”.

Acompanhe mais sobre o J.B.Alves através do Facebook - www.facebook.com/jbalves, Wattpad - www.wattpad.com/user/JBAlves ou pelo seu website www.criadordemundos.com.br

Arrependido

Lucas Almeida

O garoto pálido caminhava atrás da marcha triste, excluído de todos, rumo à cova onde depositariam o caixão. Não ficou para trás porque queria, mas porque não era bem-vindo. Todos o culpavam.

Há algum tempo ele vinha lutando consigo mesmo para parar de fazer mal às pessoas. No começo, ele amava aquilo, mas depois de um tempo o arrependimento o consumiu, e ele resolveu que iria mudar. Porém, amaldiçoado, ele sempre voltava ao mesmo lugar depois de perder o controle.

À frente do grupo, um padre conduzia a marcha:

– Filhos, oremos agora para que a alma desta pobre mulher seja bem recebida por Deus no reino dos céus.

O garoto não participou da oração. Ficou tentando ver o caixão de onde estava, até subiu em um túmulo próximo para ver melhor, e com isso seus olhos encontraram os do padre. O homem fitava o garoto com desprezo, fazendo-o sentir-se ainda mais culpado.

Terminada a oração, o caixão foi colocado dentro da cova, e o padre continuou:

– Alguém gostaria de dizer algumas palavras?

– Eu! – exclamou o garoto.

– Você não é bem-vindo aqui, Anticristo! – exclamou o padre. – Volte para o inferno que é o seu lugar!.

– Se eu pudesse já teria ido! – gritou o garoto de volta, irritado.

– Que absurdo! Saia daqui, suma da vida destas pessoas! Só lhes trouxe desgraça desde que foi adotado pela mulher que agora tenta descansar em paz!

Os familiares começaram a praguejar contra o garoto, encarando-o com raiva.

– Eu não fiz nada! Eu a amava, todos sabem disso... – dizia ele.

Ele quis continuar discutindo, porém os irmãos da falecida pegaram-no pelos braços e o arrastaram dali. Tentou resistir, esperneou, mas mesmo assim foi tirado como um saco de lixo qualquer.

Neste momento ele não conseguiu mais segurar sua fúria, o que o transformou. Sua pele ficou acinzentada, as mãos grandes e os olhos avermelhados.

Soltou um grito de fúria que arremessou os homens para longe, fez a terra estremecer, o chão rachar e destruir túmulos próximos. Em pânico, a família tentou fugir, mas o monstro começou a arremessar os destroços ao seu redor contra eles.

De repente, outro ser colocou-se à frente do monstro em fúria, tentando impedir que os destroços matassem mais pessoas e permitindo que os sobreviventes fugissem. Parecia um gorila muito peludo, vestido com uma túnica negra rasgada em muitos lugares, os dentes caninos tão grandes que mal cabiam na boca, e uma abertura em suas costas que mais parecia uma boca esfomeada.

Era o padre, que acertou um soco no monstro fazendo-o cair, atordoado. O garoto voltou à sua forma humana, e começou a chorar pelo que fizera. O padre, também humano de novo, fitou o garoto, alerta aos movimentos dele, ao mesmo tempo em que olhava para trás a todo o momento para ver se os sobreviventes fugiram dali.

– Eu não... – disse o garoto.

– Quando você entenderá que está amaldiçoado? Você viverá até que o último ser humano na Terra esteja morto, Romãozinho! – respondeu o padre.

– Por que você não me engole de uma vez então? Você não é o Quibungo, o devorador de crianças malcriadas?

– Você foi criado muito bem, sua maldade é culpa unicamente sua. E mesmo que eu quisesse te engolir não poderia. Já te disse isso, Romão.

– Eu só quero morrer! Eu não aguento mais a imortalidade.

– E eu não aguento mais você! Agora pare de procurar mães substitutas para tentar se redimir. Estou cansado de ter de evitar que você mate todo mundo quando seus planos falham!

O padre afastou-se de Romãozinho, deixando o garoto caído ali, para lamentar outra falha.

Lucas Almeida

É um doido que fugiu do hospício que era a casa de sua mãe e irmãos para seguir seus sonhos morando com o pai e a avó. É aspirante a tradutor e intérprete na faculdade; aspirante a escritor, com duas páginas num site de contos e alguns textos em desenvolvimento; e aspirante da poeira dos instrumentos musicais que vende, mas não sabe tocar nenhum. Um sonhador, que quer ver seus amigos imaginários da infância inseridos num livro para o mundo todo apreciar um dia.

Ele pode ser encontrado, por enquanto, em: <https://www.facebook.com/lucas.almeidadossantos>.

Desabafo da Maya

Milly Pellegrini

Sei que é sábado e ela vai sumir por horas. Vejo-a acordar, pulo, dou lambidas e faço a maior festa. Parece que não a vejo há tanto tempo! Tento atrasá-la brincando de morder sua mão. Ela percebe a hora e levanta da cama num salto.

— Bom dia princesa! Vou ter que sair hoje, me desculpe. — Ela sempre fala o que eu já sei. Já senti que vai sair, sem mim.

Vou pulando o caminho inteiro até o banheiro. Quando ela chega naquele estúpido portãozinho tubeline, que me impede de entrar, tento agarrar sua perna e morder sua calça.

— Nããão! Fica comigo... — eu diria, se eu pudesse falar.

Ela sai de lá sem os óculos. Volta pro quarto, eu no encaço, escolhe a roupa que vai usar pra ir ao tal curso de escrita criativa. Tento atrapalhar, ficando no caminho. Ela se troca e pede gentilmente que eu entre na cozinha. Não resisto e obedeco. Pede pra que eu me comporte, diz que me ama e que volta logo, e fecha a porta, impedindo minha saída.

Depois me soltam. Passo o dia todo no quarto dela, aborrecida, deitada, no formato de um caracol, sentindo a falta da minha humana. Vez ou outra sigo os outros humanos da casa, mas me sinto vazia. Eu a quero, sinto saudades. Nossa, essas horas parecem uma eternidade. Resolvo dormir, dizem que passa mais rápido. É o jeito né?

Percebo uma agitação, opa é agora que eles vão buscá-la? Quero tanto demonstrar meu carinho, meu amor e minha saudade pra ela. Por que amamos tanto esses humanos? E como não amá-los? Minha humana brinca comigo, me treina, me alimenta, me leva pra passear mesmo quando ela não está bem. Só não leva quando chove. No fundo tanto faz, faço minhas necessidades em casa mesmo. Eu gosto é do passeio, das pessoas e dos outros cães que eu encontro e quero brincar.

E lá vou eu pra cozinha mais uma vez. Os outros humanos somem. Bufo e me ajeto pra dormir de novo! Ora por que demoram tanto? Escuto barulho na porta, enfim chegaram! Ergo-me e procuro por ela. Cara, ela

está ali. Meu Deus, nem posso acreditar, é ela mesma. Balançar apenas meu rabinho, pra mostrar minha alegria, não é suficiente. Preciso chacoalhar a bunda toda! Ela larga as coisas no quarto enquanto me soltam da cozinha. Corro feito uma louca, não quero esperar ou perder mais nenhum minuto. Pulo nela e faço a maior festa do mundo. Como é bom tê-la de novo. Ela também está feliz por me ver. Faz carinho, me pega no colo, me abraça. Eu dou lambidas e aproveito aquele momento maravilhoso. Ah, humana, como eu te amo e senti sua falta!

Ouçõ-a dizer que o curso acabou. Oba, meu sofrimento de sábado também!

Milly Pellegrini

É formada em Ciência da Computação. Começou a escrever contos em 2010, quando sua paixão pela leitura foi despertada. Nesse mesmo ano, criou o blog Contásticos, no qual publica contos seus e de outros autores nacionais.

O show da vida

Kathia Brienza

Tiro a rosa vermelha do cabelo. No camarim, coloco brincos, pulseiras e colares no porta-joias que tem na tampa uma reprodução de duas trapezistas. Sempre que olho o desenho, o mesmo pensamento vem à minha mente: a vida é um circo e temos que aprender a saltar, muitas vezes sem rede de segurança.

Penduro o vestido vermelho e o xale preto em um mesmo cabide. Guardo meu pandeiro enfeitado com fitas coloridas na gaveta da penteadeira. Olho-me no espelho e termino a transformação ao passar o algodão úmido no rosto. Em poucos minutos, deixo de ser Esmeralda, a cigana, e volto a ser apenas uma sobrevivente.

— A casa estava vazia hoje, hein? — me diz, desanimado, Juan, meu parceiro de cena, que também se prepara para sair.

— Quem sabe amanhã melhora — respondo sem a menor convicção.

Não quero incentivá-lo a começar com as lamentações de sempre. Até gosto de Juan, sempre alegre e viril, mas quando ele para de dançar e se transforma em João, pai de quatro filhos, que trabalha de dia como segurança em um shopping e vive reclamando da vida e da ex-mulher, não tenho paciência. Já tenho meus próprios motivos para me deprimir, se eu quiser. A fila de fãs que me esperava na saída do palco e que há alguns anos não existe mais, por exemplo. Sempre havia um – ou mais de um – que me convidava para jantar, me dava um presente ou fazia uma proposta interessante. Ou indecente. E eu podia escolher, eleger meu favorito. Agora, todos sumiram.

Coloco uma camiseta básica e um jeans, pego minha bolsa e me preparo para sair. Quando eu passar na rua, não ouvirei assobios dos homens. Sei que muitas mulheres não gostam, mas eu sempre me diverti com esse tipo de assédio e rebojava ainda mais.

Uma garota fantasiada de Rapunzel passa por mim, de mãos dadas com um rapaz com roupa de pirata. Abro um sorriso. Foi assim que tudo começou, há muito tempo, com o convite para uma festa à fantasia. Eu queria ir vestida de odalisca, sempre amei aquela roupinha da Barbara Eden na série “Jeannie

é um gênio”. Mas, como não tinha do meu tamanho, acabei indo de cigana mesmo.

Um amigo de um amigo viu uma foto da festa e me convidou para participar de um show de danças. Pensou que eu fosse cigana legítima! Mal sabia ele que meus olhos oblíquos surgiram do amor entre uma paraibana e um cearense.

E assim nasceu Esmeralda.

Um empresário se apaixonou por mim e me levou para uma boate maior. Virei uma estrela! Na mesma época, muitas amigas foram para Milão, fazer a vida. Queriam que eu fosse também. Morar fora, ganhar muito dinheiro, uma ideia atraente. Mas eu sabia como as coisas realmente funcionavam e não queria passar a vida chupando pau, dando o rabo e fugindo da polícia. Eu tinha alma de artista. Queria estar no palco e sentir as luzes e os olhares sobre mim. Então, preferi ficar.

Com o tempo, o espelho deixou de ser meu amigo. As rugas, os cabelos brancos, as gorduras indesejadas, tudo ele reflete e me joga na cara. Tento ignorar, mas não consigo. Dançar também já não é tão fácil como antes.

Desde que me tornei cigana, decidi que tentaria ser feliz. Não vou ficar me enchendo de conhaque e ouvindo Stand by me, enquanto aguardo a visita da morte. Então, sigo agora para o meu apartamento de solteira, onde Ricardo me espera, meu amante-garotão-desempregado. Boy-magia, que faz mesmo mágica na cama. Para ele sou Patrícia, a boneca descolada que o sustenta e o penetra fantasiada de Esmeralda, Bela, Cinderela... Lá também fazemos um show. Afinal, viver não é representar?

Kathia Brienza

É casada com Enzo e tem dois filhos, Enrico e Giancarlo. Ela e o marido dividem um apartamento em São Vicente, SP, com seus quatro gatos: Ettore, Anakin, Tudor e Frank Sinatra. Formada em Medicina Veterinária e em Letras, é autora de “Contos de Maldição & Desejo” e de “Olhos de Fogo” (este, em parceria com Helena Gomes), ambos da Escrita Fina Editora.

Contato: kathiabrienza@hotmail.com

Minha fobia e o Bebê

Victor Lopes

Eu sei que não é algo muito bonito e que muitos caras teriam vergonha de confessar isso, mas eu preciso dizer a verdade: tenho medo de cachorros.

Sempre tive. Isso é um fardo que carrego em minha vida. Eu literalmente saio correndo se um salsichinha aparecer na minha frente, não importa onde eu esteja nem se há alguém por perto. Já me falaram que chama cinofobia, um nome que eu adoro pelo simples fato de que faz meu medo parecer muito mais sério e muito menos bosta.

Mas se você faz questão, fique à vontade, pode me chamar de cagão, até por que não é como se isso fosse a pior coisa do mundo. Existem medos muito mais idiotas, como a coulrofobia, que é um nome maneiro para o medo de palhaços. É um medo ridículo (a não ser que o palhaço, por qualquer que seja o motivo, tenha um cachorro). Também tem a globofobia, que é a porra do medo de bexigas. Que merda é essa? Esse medo não faz sentido algum. A não ser que sejam aquelas bexigas com formato de cão.

Minha vida inteira foi feita de momentos de tensão entre diversos cães e eu. Variando de enormes poodles de dentes afiados e garras pintadas de cor de rosa, até labradores babões que saltam grandes alturas e mordem sua cabeça.

Tudo começou quando eu era muito novo. Minha primeira experiência traumática foi com um vira-lata, sua boca, e o meu pé direito dentro. Sem entrar em detalhes. Eu chorei muito naquele dia, me lembro como se fosse ontem, mas, como eu disse antes, eu era bem novinho. Devia ter, no máximo, uns quinze anos.

Se você já achou isso horrível, imagine o dia em que fui tranquilamente visitar um amigo e entrei em sua casa sem saber que ele não estava lá, nem que tinha um fiel escudeiro. Seu amiguinho, que ele chamava carinhosamente de Bebê. Um pastor alemão de uns cinco metros de altura.

Assim que entrei e o encarei, ele já começou a rosar e quando fiz menção de dar meia volta e sair pelo portão, o carinhoso animal saltou sobre mim e se manteve sobre as patas traseiras enquanto as dianteiras pousaram em meus ombros.

Eu sentia seu bafo quente e cheiroso direto na minha cara e seu rosnado era quase um sorriso maléfico e irônico. Por um segundo pensei ser capaz de jogar o Bebê longe e sair correndo pelo portão, mas, assim que movi um dedo, o rosnado baixo se tornou um latido ensurdecedor.

Então ali estava eu, completamente imóvel e preso à situação. Agora, para ajudar, com a cara cheia de baba e mal podendo respirar sem que ele latisse para mim e ameaçasse me atacar. Enquanto isso, só me restava rezar pedindo que ele não estragasse meu rosto para que ao menos meu caixão pudesse ser aberto no velório.

Tudo só acabou meia hora depois, quando meu amigo voltou e, de maneira milagrosa, com um único assovio, me livrou dessa situação maravilhosa, fazendo com que o cachorro saísse de cima de mim e rolasse pelo chão como se fosse um bichinho fofinho pedindo carinho.

Bom, agora que sabem o que aconteceu, eu só peço que me entendam, afinal, eu não me expus dessa maneira para continuar ouvindo piadas. Espero que as festas da firma, as reuniões em família, os happy hours no fim do mês e as mais simples idas ao cinema não sejam preenchidas com piadas sobre minha cinofobia (esse é o nome correto a ser usado, por favor). Vamos falar sobre outras coisas, queridos amigos! Podemos falar, por exemplo, sobre todas as crises do país e a alta do dólar, ou até mesmo sobre os participantes de algum reality show babaca. O que importa é que eu possa viver em paz, pelo menos até que outro monstro surja e queira me deixar em mil pedaços.

Victor Lopes

22 anos e no momento tentando ser publicitário, escritor e um ser humano não tão esquisito (essa é a parte mais difícil). Amo cultura pop e coisas que ninguém conhece ou que todos odeiam, sou um pouco bipolar e mal humorado, mas nada que cause preocupação. Odeio falar de mim mesmo e é por isso que minha bio acaba aqui.

Gateu e Sapulieto

Maurício Kanno

No presídio Comematta, numa cidadezinha no norte da Itália, viviam alguns caras muito durões e perigosos, que se dividiam em duas facções rivais: os gatuletos e os sapéquios. Eles viviam se provocando e brigando com os membros da gangue adversária, e com frequência os guardas precisavam intervir, a não ser quando perdiam a paciência e deixavam os presos se arrebitarem. Acabavam agindo mais quando havia perigo de morte, pois os atritos eram rotineiros. Bastava um olhar um pouco mais insistente de um para outro e:

– Ae, seu verde nojento escamoso! Que tá olhando? – gritava um gatuleto para um colega de cela.

– Peludo imbecile! Só tô pensando em arrancar esse seu rabo fedido! – respondia o sapéquio.

– Ah, é, ragazzo? Vem aqui e te arrebita, figlio di puttana! Mistura-te com o que cago!

– Ha! Tu é um sacco di merda mesmo!

E logo, nessa imersão de testosterona, um se chegava no outro em desafio, o outro empurrava o um. Os sapéquios irritavam, lançando sua língua comprida, os gatuletos, fazendo espirrar com seu rabo. E lá vinham patadas e murros e cuspes. Os sapéquios eram melhores em pontapés, já que tinham muita propulsão nas pernas longas, enquanto os gatuletos preferiam usar suas unhas afiadas. E era mais um caso pra ser cuidado pelos agentes penitenciários.

No entanto, nem todos compartilhavam desse ódio. Gateu era um deles. Desprezava as rixas, preferia planejar sossegado quando escaparia da prisão e dominaria o país e o mundo. Mas um dia estava indo ao banheiro, quando esbarrou em um sapéquio. Na verdade, mal sentiu, pois os sapéquios são escorregadios. Ainda assim, como prevenção, ficou em guarda, preparando-se para um eventual ataque.

Nada aconteceu. O sapéquio esbarrado apenas ficou olhando para ele, sem o habitual jeito intimidador e arrogante. Apenas... curioso. E com um discreto sorriso. Assim, Gateu sentiu-se à vontade para perguntar:

– Ei... Você é novo aqui, hein, ragazzo? Acho que não te vi antes.

– Si, si. Sou novo. Meu nome é Sapulieto – respondeu o sapéquio, com um olhar interessado a partir de suas órbitas protuberantes.

– Tá. Aqui é Gateu. Que fizeste pra vir parar aqui?

– Matei – respondeu, seco, o sapéquio recém-chegado.

– Opa! Miau-miau... tu é perigoso, hein?

– Só com quem se mete no meu caminho e me irrita – explicou o sapéquio, lançando a língua comprida numa mosca que girava em volta dos dois. E, com um sorriso torto, perguntou de volta: – E tu, o que fez?

– Tráfico. Tudo começou com erva para consumo próprio – lembrou o gatuleto. – Mas sabe como é, né? A coisa vai crescendo... – E olhou languidamente para o sapéquio, com um sorriso... impressionado com o tamanho da língua do novato.

Nesse momento da conversa, um gatuleto chegou e puxou Gateu para longe de Sapulieto. E deu bronca:

– Tu é loco, fratello!? De papo com o sapéquio novato? Não dá pra confiar nessa gente, não.

– Foi mal, fratellito. Mas é que eu acho que não faz nenhum sentido brigar com esses caras por qualquer coisa, como vocês fazem.

– Como não, fratello? Eles são o diabo! Veja só que gente horrível! Totalmente despelados, nojentos, magrelos. Verdes! E olha só a falta de classe ao comer essas moscas. Precisamos expulsá-los daqui logo, antes que nos contaminem.

– Não sei... Eu gostei de Sapulieto. O jeitão valente e inocente de novato é bacana. E aquela língua... uau.

– Ah, porca Madre, Gateu! Não creio no que cê tá falando... Seu traidor!

Mais tarde, no refeitório:

– Gateu, Gateu! – perguntava-se baixinho Sapulieto, enquanto procurava por Gateu. – Oh, onde está, Gateu?

– Aqui estou, Sapulieto – respondeu Gateu, sentando-se a uma mesa num canto do salão. Venha aqui. Já – ordenou.

Os olhos protuberantes de Sapulieto fixaram-se, hipnotizados, nas pupilas compridas dos olhos de Gateu. E lançou-lhe, a umas três mesas de distância, a língua sapéquia para a boca felina autoritária que transbordava de desejo.

Vendo tal cena, os gatuletos próximos não aguentaram e cravaram as unhas em Gateu, no que ele desabou jorrando sangue e gritando “miau!”

Sapulieto aproximou-se, desesperado, de Gateu; ao ver que estava morto, gritou “coach!” e decidiu matar a si mesmo, enforcado com a própria língua.

Mas, depois de alguns minutos, Gateu despertou. Vendo que Sapulieto havia se matado, exclamou:

– Não! Não! Imbecile! Você não sabia que os gatuletos possuem 7 vidas?

Maurício Kanno

Nasceu em Guaratinguetá (SP) em 1982, mas sempre morou na capital paulista. Formado em Jornalismo pela USP, faz mestrado em Estética e História da Arte e fez parcialmente pós-graduação em Roteiro Audiovisual no Senac. Trabalhou como repórter na Folha de S.Paulo, Procon-SP, entre outros. Publicou em 2014 seu primeiro romance “A Menina que Ouvi Demais”. Também publicou contos em sete antologias, a maioria pela Editora Andross. Participa de oficinas literárias todo ano desde 2012. Foi membro de quatro grupos literários, fundador de alguns deles: o Enlaces Literários, o Nuke (Núcleo de Escritores), a Incubadora Literária e o Escritores de SP - Encontros, todos de produção contínua de textos e posterior debate a respeito deles. Organizou saraus de 2010 a 2014, ano em que também ministrou sua primeira oficina literária. Organiza antologias literárias sobre direitos animais.

BIA E O BEBÊ GATEU. SAPULIE TOUMMATIAS, UMA VELHA E AGARRA FADE FANTA UVA TEMOS DUVIDOS... E BOO

Escrevivendo 

escrevivendoescritacriativa.blogspot.com.br